A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • FEVEREIRO DE 1993

A LIAHONA

FEVEREIRO DE 1993

Na capa:
Ex-ministro metodista, o irmão fijiano Kalaveti Tubu ouviu falar da Igreja pela primeira vez em 1975 — por uma mulher no ônibus. Ele estudou pacientemente o evangelho até que a esposa, Luísa, concordou com seu batismo em 1984. Agora, eles e os filhos são membros ativos na ilha de Fiji. Fotografados do lado de fora de sua casa, irmão Tubu está vestido com um "sulu" e irmã Tubu com um vestido em tecido "tapa", com estamparias típicas de Fiji. Fotografia de Shirleen Meek Saunders. Vide: "Fiji: Ilhas de Fé", página 32.

Capa da Seção Infantil:
Pramol Rashika é um jovem santo dos últimos dias que mora em Fiji. Fotografia de Shirleen Meek Saunders.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: OS CAMINHOS POR ONDE JESUS ANDOU
PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

BRIGHAM YOUNG E A RESPONSABILIDADE SOCIAL
ARTHUR R. BASSETT 10

ÁLBUM DE FAMÍLIA: ENSAIO FOTOGRÁFICO 18

FIJI: ILHAS DE FÉ SHIRLEEN MEEK SAUNDERS 32

PORNCHAI JUNTRATIP: ESPIRITUALMENTE PREPARADO
DAVID MITCHELL 42

A FELICIDADE DO VOSSO CÔNJUGE
MELVIN L. PRUEITT 46

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

O TESTEMUNHO DO LIVRO DE GRAVURAS
MALY SOUVANTHONG 8

AGONIA OCULTA LISA A. JOHNSON 26

EM SOLO SAGRADO GREGORY ENCINA BILLIKOPF 30

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROEESSORAS VISITANTES: BUSCAR O SENHOR DIARIAMENTE 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: A MISSÃO DE ALMA EM AMONIAH 2

SÓ PARA DIVERTIR 5

TEMPO DE COMPARTILHAR: O TEMPLO É A CASA DO SENHOR JUDY EDWARDS 6

O CAMINHO CERTO E SEGURO
VICKIE ANDERSON E LORALEE WILKEY 8

DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER L. LIONEL KENDRICK 12

FEVEREIRO de 1993, Vol. 17, nº 2
93982 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, Charles Didier, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: Diana Van Staveren
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steven L. Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: *Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:*

**Departamento de Assinaturas,
05599-970 – Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.**

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 90.000,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 7.500,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finalandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

FUI TOCADA PELA MENSAGEM

Conheci a Igreja há vinte anos, quando fui tocada pela mensagem dos missionários sobre o Livro de Mórmon.

Depois de filiar-me a ela, fiquei gravemente enferma e hospitalizada por mais de um ano. Comecei a apreciar muito a revista *Seito No Michi* (*A Liahona*, em japonês) e o Livro de Mórmon. Suas histórias confortaram-me e ajudaram-me a sentir o Espírito durante a provação da doença. Agora estou curada, e sinto-me grata por gozar de boa saúde. Obrigada por fortalecer meu testemunho.

Reiko Nakayama
Ala Kichijoji, Estaca Tóquio
Tóquio, Japão

GRAVURAS DOS PROFETAS

Gostei muito das fotos e dos artigos maravilhosos de *A Liahona*. É uma revista sempre inspiradora.

Nossa família usa as gravuras de *A Liahona* nas noites familiares e gostaria que publicassem mais fotos de antigos presidentes da Igreja. Elas ajudam nossos filhos a reconhecerem os grandes líderes da Igreja e as histórias da vida deles fortalecem nosso testemunho.

Taylor Samways
Estaca São Paulo Norte
São Paulo, Brasil

NOTA DO REDATOR: O artigo a respeito do Profeta Joseph Smith, de dezembro de 1992, iniciou uma série de artigos biográficos sobre os Presidentes modernos da Igreja. Vide na página dez desta edição, um artigo sobre o Presidente Brigham Young.

PORTAS ABERTAS

A *Liahona* (em espanhol) sempre fortaleceu meu testemunho, dando-me exemplos de membros que vivem o evangelho. O que aprendo na *Liahona* aplico em minha vida, no trabalho e nas aulas que dou na Igreja. Tenho podido utilizá-la também como um meio de falar sobre o evangelho a amigos e colegas.

Por favor, publiquem os posters da "Mensagem Mórmon" todos os meses. Eles me dão a oportunidade de conversar sobre o evangelho muitas vezes, pois posso tirá-los da revista e colocá-los no quadro de avisos da escola. Meus professores e colegas lêem a mensagem e interessam-se em ouvir os missionários.

Max Chavarria
Ala Palm Springs
Estaca Califórnia Palm Springs

NOTA DO REDATOR

Somos imensamente gratos a nossos fiéis leitores e fazemos um convite para que nos enviem cartas, artigos e histórias. A língua não é problema. Incluam nome completo, endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito. Apreciamos as cartas e artigos já recebidos e aguardamos mais cartas de nosssos leitores. Nosso endereço é: International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

Os Caminhos por Onde Jesus Andou

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Num frio dia de dezembro, reunimo-nos no Tabernáculo de Lago Salgado para, em seu funeral, render homenagem e tributo a um homem a quem amávamos, honrávamos e seguíamos — o Presidente Harold B. Lee. Profético em seus pronunciamentos, vigoroso em sua liderança, dedicado no servir, o Presidente Lee inspirava-nos o desejo de atingir a perfeição. Ele costumava aconselhar: "Guardai os mandamentos de Deus. Segui os caminhos do Senhor".

Um dia depois, num recinto muito sagrado de um dos pavimentos superiores do Templo de Lago Salgado, seu sucessor era escolhido, apoiado e designado para a sagrada responsabilidade. Incansável no trabalho, humilde na maneira de ser, inspirador no testemunho, o Presidente Spencer W. Kimball pediu-nos que prosseguíssemos no rumo determinado pelo Presidente Lee. Usou as mesmas palavras penetrantes: "Guardai os mandamentos de Deus. Segui os caminhos do Senhor. Andai em seus

Em um sentido muito real, todos podemos andar por onde Jesus andou quando, com suas palavras nos lábios, seu espírito no coração e seus ensinamentos em nossa vida, atravessamos a mortalidade.

Satanás tentou Jesus, oferecendo os reinos do mundo: "Se prostrado, me adorares". O Mestre, porém, replicou: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás". (Vide Mateus 4:8-10.)

passos". Hoje, o Presidente Ezra Taft Benson nos dá o mesmo conselho vigoroso.

Certa noite, passei casualmente os olhos por um folheto de turismo recebido dias antes. Fora impresso em cores brilhantes e redigido de maneira muito persuasiva. O leitor era convidado a visitar os fiordes da Noruega e os Alpes Suíços num único giro turístico. Outra opção acenava com uma visita a Belém — a Terra Santa — berço do cristianismo. A mensagem final do folheto continha este simples, mas imperioso apelo: "Venha e ande por onde Jesus andou".

Num sentido muito real, todos podemos andar por onde Jesus andou, enquanto passamos pela mortalidade, tendo nos lábios suas palavras, no coração seu espírito e em nossa vida seus ensinamentos.

Espero que possamos andar como ele andou — confiantes no futuro, com fé constante no Pai e amor genuíno aos outros.

Jesus trilhou o caminho do desapontamento.

Poderá alguém apreciar seu lamento sobre a Cidade Santa? "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?" (Lucas 13:34.)

Jesus trilhou o caminho da tentação.

O maligno, recorrendo a toda a sua força, aos mais convidativos sofismas, procurou tentá-lo, quando faminto, depois de quarenta dias e quarenta noites de jejum: "Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pães". E a resposta: "Nem só de pão viverá o homem . . ."

Novamente: "Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito . . ." A resposta: "Não tentarás o Senhor teu Deus".

Mais uma vez: ". . . os reinos do mundo, e a glória deles . . . te darei se, prostrado, me adorares . . ." O Mestre replicou: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás" (vide Mateus 4:2–10).

Jesus trilhou o caminho da dor.

Pensai na agonia do Getsêmani:

". . . Pai, se queres, passa de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua . . . E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão." (Lucas 22:42,44.)

E quem de nós poderia esquecer a crueldade da cruz? Suas palavras: ". . . Tenho sede . . . Está consumado . . ." (João 19:28,30).

Sim, cada um de nós trilhará o caminho do desapontamento, talvez devido a uma oportunidade perdida, uma energia mal empregada, ou um ente querido não doutrinado. O caminho da tentação, também, será trilhado por todos nós. "E é necessário que o diabo tente aos filhos dos homens, ou estes não poderiam ser seus próprios árbitros . . ." (D&C 29:39).

Da mesma forma trilharemos o caminho da dor. Não é possível chegar ao céu com conforto. O Salvador do mundo lá chegou depois de muita dor e sofrimento. Nós, seus servos, não podemos esperar mais que o Mestre. Antes da Páscoa, tem que haver uma cruz.

Enquanto vencemos esses caminhos que nos trazem penoso sofrimento, podemos andar também por caminhos que nos oferecem alegria eterna.

Como Jesus, podemos trilhar o caminho da obediência.

dos talentos, ensinou-nos a progredir e procurar a perfeição. Bem poderia estar ele nos preparando para seguirmos seu caminho.

Finalmente, ele trilhou o caminho da oração.

Três grandes lições tiramos de três orações imortais. Primeiro, em seu ministério: ". . . Quando orardes, dizei: "Pai, santificado seja o teu nome . . ." (Lucas 11:2).

Segundo, no Getsêmani: ". . . não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22:42).

Terceiro, na cruz: ". . . Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem . . ." (Lucas 23:34).

É seguindo o caminho da oração que comungamos com o Pai e tornamo-nos participantes do seu poder.

Não será fácil. "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu". (Hebreus 5:8.) Façamos da herança que nos legou Samuel o nosso lema: ". . . eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros". (I Samuel 15:22.) Lembremo-nos de que o cativeiro e a morte são o resultado final da desobediência, enquanto a obediência é recompensada com liberdade e vida eterna.

Nós, como Jesus, podemos trilhar o caminho do serviço ao próximo.

A vida de Jesus brilhou como um farol resplandecente de bondade, durante seu ministério aos homens. Deu forças aos membros do aleijado, luz aos olhos do cego, audição aos ouvidos do surdo, e vida ao corpo do morto.

Suas parábolas pregam autoridade. Com a do bom samaritano, ele ensinou: ". . . Amarás . . . ao teu próximo . . ." (Lucas 10:27). Pela bondade para com a mulher adúltera, ensinou compreensão compassiva. Na parábola

Teremos a fé, ou mesmo o desejo de seguir esses caminhos por onde Jesus andou? Os profetas, videntes e reveladores de Deus convidaram-nos a fazê-lo. Basta segui-los, pois é o caminho por onde eles andam.

Lembro-me de meu primeiro contato com Élder Spencer W. Kimball, há muitos anos, quando ele era membro do Quorum dos Doze, e eu, um jovem bispo na Cidade do Lago Salgado. Certa manhã, quando atendi ao telefone, uma voz disse: "Aqui fala o Élder Spencer W. Kimball. Quero pedir-lhe um favor. Em sua ala, escondida por trás de um alto prédio na Quinta Avenida Sul, existe um pequeno "trailer" onde mora Margaret Bird, uma índia navajo viúva. Ela se acha indesejável, perdida e inútil. Será que o irmão e a Presidência da Sociedade de Socorro poderiam procurá-la, estender-lhe a mão da

fraternidade e dar-lhe calorosas boas-vindas?" Assim fizemos.

Aconteceu um milagre. Margaret Bird como que desabrochou em seu novo ambiente. Terminou o desespero. A viúva fora visitada em sua aflição. Achara-se a ovelha perdida. Todos os que participaram desse simples drama humano, dele emergiram como um ser melhor.

Sem dúvida, o verdadeiro pastor foi o apóstolo consciencioso que, deixando as noventa e nove de seu ministério, foi em busca da preciosa alma que estava perdida. Spencer W. Kimball trilhou o caminho que Jesus trilhou.

Enquanto andarmos pelos caminhos trilhados por Jesus, atentemos para o som de seus passos. Procuremos apertar a mão do Carpinteiro. Então chegaremos a conhecê-lo. Talvez nos procure como um desconhecido, sem nome, como em outros tempos se achegou aos que estavam às margens do lago e não o conheciam. Ele nos diz as mesmas palavras: ". . . Segue-me tu", designando-nos para a tarefa que ele tem a cumprir em nossos dias. Ele ordena, e aos que lhe obedecerem, sejam eles sábios ou simples, ele se revelará nas fadigas, conflitos e sofrimentos que terão que suportar por causa dele; e, por experiência própria, eles virão a saber quem ele é.

Descobrimos que ele é mais que o infante de Belém, mais que o filho do carpinteiro, mais que o maior mestre que já viveu. Viemos a conhecê-lo como o Filho de Deus. Ele nunca esculpiu uma estátua, pintou um quadro, compôs um poema ou dirigiu um exército. Jamais usou uma coroa real, empunhou um cetro ou teve sobre os ombros um manto de púrpura. Seu perdão não tinha limites, sua paciência era inesgotável, sua coragem desmedida.

Jesus transformava os homens. Mudava seus hábitos, opiniões e ambições. Modificava seu temperamento, disposição e natureza. Ele transformava o coração dos homens.

Pensemos no pescador de nome Simão, mais conhecido como Pedro, o líder dos apóstolos. O cético,

Nós, como Jesus, podemos trilhar o caminho da oração. Fazendo isso, comungamos com o Pai e tornamo-nos participantes do seu poder.

descrente e impetuoso Pedro haveria de lembrar-se da noite em que Jesus foi levado ao sumo sacerdote. Foi a noite em que a multidão se pôs "a cuspir nele (o Salvador), e a cobrir-lhe o rosto, e a dar-lhe punhadas . . . E os servidores davam-lhe bofetadas" (Marcos 14:65).

Onde estava Pedro, aquele que prometera morrer por ele e jamais negá-lo? O registro sagrado revela: "E Pedro o seguiu de longe, até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava assentado com os servidores, aquentando-se ao lume" (Marcos 14:54). Esta foi a noite em que Pedro, cumprindo a profecia do Mestre, realmente o negou três vezes. Em meio aos empurrões, vitupérios e pancadas, o Senhor, na agonia da sua humilhação e majestade do seu silêncio, voltou-se e olhou para Pedro.

Conforme um dos cronistas descreveu a mudança: "Foi o bastante . . . [Pedro] esqueceu o perigo, já não mais temia a morte. [Ele] saiu correndo . . . nas trevas . . . ao encontro da alvorada . . . Aquele penitente [estava] de coração partido, diante do tribunal da própria consciência, e ali sua antiga vida, sua antiga vergonha, sua antiga fraqueza, seu antigo eu foi condenado à morte por aquele arrependimento divino que fez surgir um novo ser mais nobre".

(Frederic W. Farrar, *The Life of Christ*, Portland, Oregon: Farrar Publications, 1964, p. 604.)

E houve Saulo de Tarso, um letrado, conhecedor dos escritos rabínicos nos quais certos estudiosos modernos encontram tantas preciosidades. Por alguma razão, aqueles escritos não atendiam à necessidade de Paulo, e ele continuou bradando: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?" (Romanos 7:24.) Então, certo dia, encontrou Jesus, e eis que todas as coisas se fizeram novas. Daquele momento até o dia de sua morte, Paulo exortava os homens a se despojarem do "velho homem . . ." e revestirem-se "do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade". (Efésios 4:22,24.)

O passar do tempo não alterou a capacidade do Redentor de transformar a vida dos homens. Assim como falou ao Lázaro morto, ele fala a vós e a mim: ". . . Saí para fora" (João 11:43). Saí do desespero da dúvida.

Saí da tristeza do pecado. Saí da morte da descrença. Saí para uma nova vida. Saí.

Ao fazermos isso e dirigirmos nossos passos pelos caminhos que Jesus trilhou, lembremo-nos do testemunho dado por Jesus: "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas . . . sou a luz e a vida do mundo . . ." (3 Néfi 11:10–11).

"Sou o primeiro e o último; sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:4.)

A este testemunho junto o meu: Ele vive. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Ao vivermos com as palavras de Jesus em nossos lábios, seu espírito em nosso coração e seus ensinamentos em nossa vida, passaremos confiantes pela mortalidade.

2. Podemos ter confiança no futuro, com fé constante no Pai Celestial e amor genuíno aos outros.

3. Podemos desenvolver a capacidade de sermos bem sucedidos quando enfrentarmos decepções, tentações e dor.

4. Podemos ser obedientes, servir a nossos semelhantes e comunicar-nos com Deus em oração.

O TESTEMUNHO DO LIVRO DE GRAVURAS

Maly Souvanthong

Quando era menina, tendo sido criada em uma família budista no Laos, nunca sequer ouvira falar em Cristo e no cristianismo. Devido, porém, aos conflitos ocorridos em nosso país, nossa família teve que deixar a terra natal, e acabamos vindo para os Estados Unidos. Aqui, conheci os missionários SUD e aprendi a respeito de Jesus Cristo e sua verdadeira Igreja. Fui batizada em junho de 1989.

No dia 26 de novembro de 1990, um domingo, eu estava no ônibus a caminho de casa, voltando de nosso ramo asiático em Lynnfield, Massachusetts. Sentei-me ao lado de uma menina de onze anos e do irmão dela de seis anos. Eu os tinha visto no ramo, mas não sabia seus nomes. Sabia que ainda não eram membros da Igreja.

A menina levava nas mãos um livro para crianças, com histórias da Bíblia. Estava folheando as páginas e admirando as maravilhosas gravuras. "Olhe!", disse ela surpresa, apontando para uma gravura de Jesus ajoelhado junto à rocha, em oração, e expressando no rosto uma dor muito profunda.

> Um livro para crianças e a pergunta de uma criança me mostraram quão grande é a minha própria fé em Cristo.

Virando-se para mim, ela perguntou: "Por que Jesus está com essa cara?".

"Porque ele está sofrendo pelos pecados de todas as pessoas. Ele está sentindo muita dor."

Novamente ela me perguntou: "Por que?".

Então eu lhe disse: "Quer que eu leia para você?".

Comecei de onde Jesus estava ajoelhado em oração. Enquanto lia, eu lhe explicava as histórias. Sabia que as crianças estavam compreendendo as histórias, porque quando viram Jesus pregado à cruz, ficaram com muita pena dele. E quando viram que ele havia ressuscitado, ficaram contentes.

Expliquei toda a história do livro com minhas próprias palavras. E quando lhes fiz perguntas, as duas crianças levantaram rapidamente a mão, mostrando que sabiam a resposta, como se estivessem na escola.

Por fim, a menina olhou para mim e perguntou: "Tudo isso é verdade?".

Olhei para ela e disse: "Sim. É verdade, sim".

Ao responder-lhe, senti que sabia mesmo que era verdade. Dei-me conta então de que realmente tinha um testemunho de Cristo. Prestei testemunho das coisas que sabia em meu coração serem verdadeiras. Sei que o Espírito estava comigo. Senti-o. Senti a sensação do Espírito — o calor, a paz, o amor.

Desse dia em diante, tive vontade de falar ao mundo inteiro a respeito de Jesus Cristo. Quero que todos tenham essa mesma alegria. □

BRIGHAM YOUNG

E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

Arthur R. Bassett

Algumas pessoas contentam-se em aceitar a vida como ela sempre foi. Outras, porém, tendo uma visão do que a vida poderia ser, não se satisfazem até realizar tudo que esteja ao seu alcance para transformarem essas visões em realidade.

Brigham Young foi um desses homens. Convertido ao evangelho aos trinta e um anos de idade, ele tinha uma grande visão de possibilidades, todas elas centralizadas no estabelecimento do reino de Deus na terra. Para ele, esse reino não era um sonho imaginário, mas uma possibilidade física, um novo modo de vida, um novo padrão para a sociedade. E ele permitiu que essa visão crescesse em sua mente, até se tornar — tomando emprestada uma frase de Jeremias — como "fogo ardente, encerrado nos [seus] ossos" (Jeremias 20:9).

"Tenho vontade de gritar aleluia, o tempo todo", disse ele, "quando penso que conheci Joseph Smith, o Profeta . . . Temos o poder de continuar o trabalho [de edificar o reino de Deus] que Joseph começou, até que tudo esteja preparado para a vinda do Filho do Homem. Este é o trabalho dos santos dos últimos dias, e *o único trabalho que temos nas mãos*." (Journal *of Discourses*, 3:51; grifo nosso).

Esse "trabalho" de edificação do Reino de Deus influenciou suas metas, sua vida e, por fim, seu destino eterno.

Feliz é o homem ou mulher que pode tornar-se obcecado por tal objetivo, como Brigham o foi. Para ele, nenhum sacrifício parecia grande demais, desde que tivesse um propósito, especialmente se o propósito era o de edificar o reino de Deus na terra. A busca desse objetivo afastou-o da vida que levava como carpinteiro em Mendon, Nova York, e colocou-o em movimento, para nunca parar, até ter estabelecido sua casa — e sede da Igreja — no outro lado do continente, no Vale do Lago Salgado, em Utah.

Batizado sob a neve, no início da primavera de 1832, Brigham Young foi confirmado à beira das águas e ordenado élder em sua casa, a três quilômetros de distância, antes que as roupas que vestia secassem. Antes do final daquele ano — um ano importante, no qual sua primeira mulher faleceu e ele encontrou pela primeira vez o Profeta Joseph Smith — Brigham Young tornou a sair sob a neve, desta vez tentando compartilhar seu novo modo de encarar a vida com amigos do Canadá.

Enfrentando o frio de dezembro, Brigham Young e o irmão, Joseph, partiram a pé para Kingston, no alto Canadá. Essa jornada levaria os dois jovens élderes a uma distância de

***Acima:* Acredita-se que esta fotografia de Brigham Young tenha sido tirada em 1851, em seu qüinquagésimo aniversário. Outra fotografia, *à direita,* foi tirada em 1876, aos setenta e cinco anos de idade.**

ILUSTRADO POR ROBERT T. BARRETT; FOTOGRAFIA DE ARTEFATOS DE JED CLARK, RON READ E MATT REIER

***Acima*: Parte do guarda-roupa de Brigham Young: um par de calças que se acredita ter sido comprado por ele na Inglaterra, uma cartola, botas de couro de carneiro e uma bengala. *À direita*: Joseph Smith registrou o nome de Brigham Young como extremamente ativo no cuidado dos doentes acometidos de cólera, durante a marcha de 1600 quilômetros para resgatar os santos de Missouri das mãos do populacho.**

FOTOGRAFIA DE LONGIN LONCZYNA, JR.

***Acima*: Torno de móveis de Brigham Young. *À esquerda*: Porta ornamentada de uma casa de fazenda em Sugar Hill, Nova York, que Brigham ajudou a fazer. As janelas são um exemplo da habilidade de Brigham como vidraceiro.**

mais de quatrocentos quilômetros, caminhando na lama profunda, coberta de neve que chegava à altura dos joelhos. Somente quem já teve que caminhar na lama coberta de neve pode realmente fazer idéia da árdua tarefa enfrentada por esses dois missionários. Para aumentar seu desconforto, caminharam quase dez quilômetros sobre o gelo — gelo tão fino, que se quebrava sob seus pés, fazendo entrar água nos sapatos, até ficarem com água "até a metade do sapato".

Os missionários trabalharam dois meses naquela área e batizaram quarenta e cinco almas. Quem quer que já tenha reconhecido suas próprias fraquezas poderá consolar-se sabendo que o trabalho missionário não foi fácil para Brigham Young. Ele se considerava "tão incapaz de se expressar quanto o mais incapaz . . .

Como me dava dor de cabeça ter idéias para apresentar às pessoas, e não ter palavras para expressá-las. Eu era, porém, tão determinado, que sempre tentei fazer o melhor possível". (*Journal of Discourses*, 5:97.)

Mais um ano se passou, e outra missão foi cumprida, antes que Brigham Young finalmente pudesse estabelecer sua pequena família em Kirtland, Ohio, onde se tornou muito chegado ao Profeta Joseph Smith. Vinte novas almas entraram para o reino como resultado de seus esforços na segunda missão, e ele as conduziu para Kirtland, como mais tarde conduziria os santos na jornada para o oeste. Assim que se estabeleceu na pacata cidadezinha de Kirtland, no norte de Ohio, Brigham Young começou a aprender com o Profeta Joseph Smith a respeito de Sião, a morada dos puros de coração.

Outro grande sacrifício pela causa de Sião ocorreu em 1834, quando Brigham Young acompanhou Joseph Smith na marcha do Acampamento de Sião. Chegou a Kirtland a notícia de que os santos de Missouri haviam sido expulsos de seus lares por populachos e necessitavam de auxílio. Um apelo foi feito aos irmãos de Kirtland. Joseph e 205 outros atenderam ao pedido de ajuda. A força seria enfrentada com a força. Os que marcharam sabiam que poderiam encontrar a morte no fim da jornada de 1600 quilômetros. A geração de Brigham Young estava acostumada a longas caminhadas, mas nada como aquela marcha. O Presidente Young relatou, mais tarde, que teve que andar mês após mês, com sangue nos sapatos, enquanto trabalhava como missionário, mas mesmo o trabalho missionário não era nada, comparado com a dureza daquela marcha, dia após dia, sob o calor do princípio do verão.

À medida que a marcha progredia, chegou o cansaço, diminuiu a paciência, e os ânimos se exaltaram. Por fim, eles foram atingidos pela temível cólera, com seus terríveis espasmos e morte súbita. Dois anos antes, a América do Norte havia passado por uma epidemia de cólera de grandes proporções, e seus sintomas eram conhecidos: diarréia, vômitos espasmódicos e cãibras dolorosas, seguidos de desidratação, que deixava o rosto pálido e abatido, as extremidades frias e escuras, e a pele das mãos e pés enrugada.

A morte sobrevinha em um dia, ou até mesmo em uma hora, e, algumas vezes, a vítima simplesmente tombava para a frente, como que abatida por um machado. Alguns membros do Acampamento de Sião tentaram fugir, mas Brigham Young permaneceu. Joseph Smith registrou o nome de Brigham como um dos homens que mais ativamente cuidava dos doentes e enterrava os mortos.

Pouco tempo depois dessa experiência no Acampamento de Sião, Brigham Young foi chamado como membro do primeiro Quorum dos Doze Apóstolos dos nossos dias, organizado em 1835. Com o novo chamado, Brigham passou por muitas mudanças e sentiu o peso das novas responsabilidades. Sua meta na vida, porém, permanecia inalterada: continuar o trabalho que Joseph havia começado, até que tudo estivesse preparado para a vinda do Filho do Homem.

Dois acontecimentos ocorridos durante os anos em que Brigham Young era apóstolo dão-nos uma visão de sua dedicação constante ao evangelho. Ambos ocorreram no ano de 1839.

O primeiro foi em fevereiro. Joseph Smith estava na Cadeia de Liberty, e Brigham Young cuidava dos negócios da Igreja como

Presidente do Quorum dos Doze. O problema que tinham pela frente era mudar os santos de Missouri para Illinois. Poucas pessoas estavam preparadas para a mudança; muitos eram carentes e, na pressa de partir, grande era a tentação de fugir para salvar a própria vida. Aos olhos de Brigham Young, porém, essa não era a maneira de agir dos verdadeiros santos de Deus. Era evidente que a sociedade não iria perdurar, a menos que os homens pudessem aprender a amar, ter compaixão e cuidar uns dos outros.

Assim, foi convocada uma reunião e foi estabelecido um convênio, declarando que os signatários não partiriam até terem ajudado todos os pobres, para que partissem também. Brigham Young e a família, acompanhados da família de Heber C. Kimball (Élder Kimball havia permanecido em Missouri), partiram no frio mês de fevereiro, com seus carroções, rumo a Illinois, numa das mais estranhas procissões de toda a emigração Mórmon.

Depois de viajar trinta e dois quilômetros pelas planícies geladas de Missouri, Brigham Young parava, estabelecia um abrigo temporário para sua mulher e cinco filhos, e voltava ao ponto de partida. Ali, ele apanhava algumas das famílias de santos carentes e seus pertences, e voltava para onde havia deixado sua família. Dessa maneira, viajou três vezes a distância percorrida pela maioria dos outros viajantes. Mais tarde, ao final da jornada — em Quincy, Illinois — uma importante reunião foi realizada. Os santos em Quincy souberam que cinqüenta famílias haviam ficado em Far West e eram pobres demais para viajarem. Eles uniram esforços mais uma vez, vendendo o pouco que lhes restara — chapéus, casacos e sapatos — para levantar fundos para a viagem dos santos pobres. Brigham Young comentou:

"Partimos o pão e participamos do sacramento. Ao término da reunião, foram coletados 50 dólares em dinheiro e oferecidas diversas parelhas para o transporte dos irmãos necessitados. Uma da pessoas que fizeram essa oferta foi a viúva de Warren Smith, cujo marido e filho haviam sido mortos no massacre de Haun's Mill. Ela enviou sua única parelha naquela missão de caridade."

Com essas experiências e muitas semelhantes, aumentou a convicção de Brigham Young de que as pessoas podem ser unidas em amor, que são capazes de criar uma sociedade mais cristã, fundamentada no amor e cuidado mútuos.

O segundo acontecimento daquele mesmo ano, que demonstra a determinação de Brigham Young de sacrificar tudo pela edificação do reino de Deus, ocorreu entre setembro de 1839 e fevereiro de 1840 e envolve sua missão na Grã-Bretanha.

Focalizamos aqui, especialmente, sua viagem a Nova York. Havia chegado a hora de os Doze Apóstolos partirem para uma missão especial. Brigham Young, como tantos outros dos irmãos, estava doente, tendo contraído o que parece ter sido malária. Com dores em todo o corpo, de alguma forma ele conseguiu forças para se erguer do leito em Montrose, Iowa, e vestir-se para a viagem. Não possuindo um casaco, usou um acolchoado de berço para proteger-se do frio. Todos os seus filhos estavam febris e acamados. A esposa também estava doente e necessitava de ajuda para cuidar do bebê de dez dias. O rio Mississippi ficava a apenas 150 metros de distância, mas Brigham não conseguia sequer andar até a sua margem. Um vizinho levou-lhe uma carroça e Brigham Young arrastou-se para dentro dela. Esperavam-no junto ao rio, e ele foi transportado de barco a remo para a outra margem. Israel Barlow levou-o a cavalo para a casa de Heber C. Kimball, em Nauvoo, onde Brigham desfaleceu, e não conseguiu prosseguir viagem por quatro dias.

Por fim, tendo chegado o momento da partida, os missionários rumaram para o leste, como lhes foi possível. O Presidente Young viajou de carroção. Os que já tiveram que enfrentar o desconforto de uma gripe podem imaginar o que uma pessoa doente, sacudida de um lado para outro, pelo interior do país entre Illinois e Indiana, deve ter passado. Quatro meses depois, Brigham Young chegou à cidade de Nova York — finalmente bem, mas sem se livrar das adversidades. Em Brooklyn, Nova York, ao embarcar em uma balsa, caiu sobre um grande

***Acima*: Capa e telescópio usados por Brigham durante a travessia das planícies. *À esquerda*: Recuperando-se de uma febre e fisicamente debilitado, Brigham avistou o Vale do Lago Salgado pela primeira vez, de dentro da carruagem de Wilford Woodruff. Relata-se ter dito na ocasião: "É o bastante. Este é o lugar certo".**

***Acima*: Ornamento de bengala talhado em ouro, um presente dado a Brigham Young. *À direita*: Escrivaninha de quatro lados, feita segundo especificações de Brigham Young. Usada freqüentemente por ele e seus conselheiros.**

Acima: **Este desenho arquitetônico do Templo de Lago Salgado, feito por William Ward, ficou na parede do escritório do Presidente Young por mais de vinte anos.** ***À direita:*** **A Beehive House, onde o Presidente Young morava e tinha seu escritório.**

anel de ferro e deslocou o ombro esquerdo. Dois irmãos o seguraram firmemente contra o convés e Parley P Pratt puxou-lhe a mão, enquanto firmava o pé nas costelas de Brigham. Apesar da dor, Élder Young empurrou o osso de volta ao lugar com a mão direita. Desmaiou em seguida, e não conseguiu vestir-se sozinho por diversos dias.

Outras pessoas poderiam ter desanimado e desistido muito antes de chegarem a esse ponto. Brigham Young, porém, nunca desistia quando a edificação do reino de Deus estava em jogo. Seguiu em frente, embarcou no navio, e teve enjôos durante a maior parte da viagem para a Inglaterra. Estava tão magro ao chegar à Inglaterra, que seu próprio primo, Willard Richards, não o reconheceu.

Depois de meses de árduo serviço missionário, voltou para casa e para a família. Seu sacrifício fora aceito pelo Senhor. Ao chegar em Nauvoo, Élder Young foi louvado da seguinte maneira:

"Querido e bem amado irmão Brigham Young, na verdade, assim te diz o Senhor: Meu servo Brigham, não mais se requer de ti que deixes a tua família como em tempos passados, pois a tua oferta me é aceitável.

Tenho visto o teu serviço e trabalho nas viagens que fizeste pelo meu nome.

Eu, portanto, te mando que envies a minha palavra ao estrangeiro e tomes especial cuidado de tua família de agora em diante, e para sempre. Amém." (D&C 126:1–3.)

Essa foi a preparação de Brigham Young para o chamado de profeta. Depois do martírio de Joseph Smith, Brigham Young guiou os santos ao vale do Grande Lago Salgado. Em 1847, com quarenta e seis anos, foi apoiado como segundo Presidente da Igreja. Sob sua liderança, os santos dos últimos dias fizeram o deserto florescer como a rosa. Exploraram e colonizaram uma região agreste; fundaram cidades e vilas; construíram casas, capelas e templos; plantaram, irrigaram e colheram; construíram indústrias, casas de comércio e sistemas de transporte. Ensinaram os princípios do evangelho a seus filhos e enviaram missionários a lugares longínquos da terra.

Não apenas uma, mas muitas vezes, Brigham Young pôs a vida sobre o altar, zeloso pelo estabelecimento do reino de Deus, a Sião na terra. Tudo mais na vida era subordinado a essa meta; ele acreditava nela com todo o coração. Devido a essa preparação, era a pessoa ideal para ser escolhida pelo Senhor para encorajar os outros a unirem esforços no desenvolvimento da sociedade ideal. Sua dedicação a Cristo era completa. Como profeta do Senhor, mais tarde, ele comentou:

"Tenho Sião em mira constantemente. Não esperemos que anjos, ou Enoque e seu povo venham para edificar Sião, mas vamos edificá-la nós mesmos. Plantaremos trigo, construiremos casas, cercaremos nossas fazendas, plantaremos vinhas e pomares e produziremos tudo o que nos trouxer conforto e felicidade e, desta forma, pretendemos edificar

Sião na terra, e purificá-la, e limpá-la de todo tipo de poluição.

Que uma santa influência parta de nós em direção a todas as coisas sobre as quais temos algum poder; sobre o solo que cultivamos, sobre as casas que construímos e sobre tudo o que possuímos; e, caso cessemos de nos associar ao que é corrupto, e estabeleçamos a Sião de Deus nos corações, em nossas casas e cidades, e em todo nosso país, futuramente tomaremos a terra, porque somos os senhores da terra; e, ao invés de espinhos e cardos, toda planta útil, que serve para alimento do homem e para embelezar e adornar, brotará da terra." (Brigham Young, *Journal of Discourses*, 9:284.)

Em resumo, o planejamento de uma comunidade, para Brigham Young, não consistia apenas na organização de cidades e pomares, mas, sim, na edificação de uma morada digna dos anjos, um pedaço do céu na terra. A educação, a música e as artes deveriam ter um papel predominante, e Brigham previa a época em que Sião, na região oeste dos Estados Unidos, se tornaria um exemplo para todos os povos do mundo que para lá convergiriam, a fim de se beneficiarem desse nosso exemplo.

Seu sonho, em muitos aspectos, ainda não se concretizou, porque muitos não conseguem captar-lhe o significado. Ficamos tentados a perguntar à nossa geração: "Onde estão os homens, mulheres e jovens, na Igreja de hoje, com uma dedicação a esse sonho semelhante à de Brigham Young?" Esperamos que a resposta seja: "Bem aqui, em nossa ala, em nosso ramo". □

Eventos da vida de Brigham Young, 1801–1877

Ano	Idade	Evento
1801	—	1° de junho: Nasce em Whittingham, Vermont.
1815	14	Falecimento da mãe; Brigham começa a trabalhar para ganhar o sustento, vindo mais tarde a tornar-se carpinteiro.
1824	23	5 de outubro: Casa-se com Miriam Works.
1832	31	Batizado; ordenado élder. Falece a esposa. Brigham Young conhece Joseph Smith; cumpre missão de curto prazo nos Estados Unidos e Canadá.
1834	32	18 de fevereiro: Casa-se com Mary Ann Angell.
	33	Maio-junho: Serve como capitão da marcha do Acampamento de Sião.
1835	33	14 de fevereiro: Ordenado membro do primeiro Quorum dos Doze Apóstolos de nossa época.
1839–41	38–40	Cumpre missão na Inglaterra.
1844	43	27 de junho: Martírio de Joseph Smith.
		8 de agosto: Brigham Young dirige a Igreja como Presidente do Quorum dos Doze Apóstolos.
1846–47	45–46	Lidera a jornada dos santos para o Vale do Lago Salgado.
1847	45	14 de janeiro: Recebe a seção 136 de Doutrina e Convênios.
	46	24 de julho: Entra no Vale do Lago Salgado com o primeiro grupo de santos.
		27 de dezembro: É apoiado Presidente da Igreja.
1850	49	15 de junho: Torna-se governador do Território de Utah.
1853	52	6 de abril: Lança a pedra angular do Templo do Lago Salgado.
1858	57	11 de junho: Deixa o cargo de governador, após um mandato de oito anos.
1867	66	6 de outubro: A primeira conferência geral é realizada no novo Tabernáculo do Lago Salgado.
		11 de novembro: Institui a organização geral da Escola Dominical.
		8 de dezembro: Reinstitui a Sociedade de Socorro.
1869	68	A estrada de ferro chega a Utah.
		28 de novembro: Cria uma organização geral para as Moças.
1875	74	10 de junho: Cria uma organização geral para os Rapazes.
1877	75	6 de abril: Dedica o templo de St. George, o primeiro templo no oeste. Dá nova ênfase à organização do sacerdócio.
	76	29 de agosto: Falece na Cidade do Lago Salgado, Utah.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Numa manhã de primavera de 1845, Willard Richards, um dos Apóstolos da Igreja, sua esposa, Jenetta, e o filho Heber John foram até a galeria Lucien Foster em Nauvoo, Illinois, para tirarem uma fotografia.

A fotografia era uma invenção nova, e a ida à galeria deve ter sido uma aventura emocionante para a família Richards. O retrato de família ali tirado, que é mostrado acima, tornar-se-ia, mais tarde, de valor inestimável para Willard e Heber John porque, quatro meses mais tarde, Jenetta faleceu subitamente.

Mais de cento e cinqüenta anos depois, ainda tem valor inestimável, fazendo parte da coleção de fotografias do Museu de História e Arte da Igreja, na Cidade do Lago Salgado, Utah.

Como o retrato da família Richards, cada fotografia traz consigo uma história. Por exemplo, a fotografia de 1989, à direita, mostra santos dos últimos dias em uma remota região montanhosa da Guatemala construindo sua própria capela de tijolos de barro feitos a mão. O projeto nasceu da fé, dedicação, serviço e amor ao Senhor.

A fotografia tem preservado várias cenas como esta, momentos especiais na vida dos santos dos últimos dias do passado e do presente.

Os exemplos contidos nestas páginas, embora poucos, mostram que o evangelho é uma experiência compartilhada, que nos une como Igreja mundial, como família mundial.

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

Acima: Apesar de esta fotografia da preparação do sacramento, de 1975, ter sido tirada na ala de estudantes da Universidade Brigham Young, ela poderia ter sido tirada em qualquer ala ou ramo do mundo.

Esquerda: Missionários de tempo integral, élder Albertelli e élder Church, fazendo proselitismo em Cergy, França, 1990.
No alto: Um armênio convertido à Igreja é batizado em uma pia batismal improvisada em Aleppo, Síria, em 6 de abril de 1923. Uma anotação no verso da foto registra seis batismos realizados naquele dia.
Acima: Em muitas partes do mundo, o lugar mais conveniente em que se encontre água transforma-se na "pia batismal", como no caso deste grupo de conversos da Nova Zelândia, em 1900.

FOTOGRAFIA DE MARK PHILBRICK

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

***Acima*: Em 1990, Enoch Quaye, de Londres, Inglaterra, lê as escrituras com o filho. O irmão Quaye foi chefe de tribo em Ghana.**
***No alto à direita*: No mundo inteiro, o amor dos santos dos últimos dias ao Salvador é demonstrado por meio de serviço aos necessitados, como na visita desta família a uma vizinha viúva.**

***Acima*: A primeira Escola Dominical da Igreja foi organizada em 1849. Cinqüenta anos depois, em 1899, esta classe multilíngüe, na Vigésima Primeira Ala da Cidade do Lago Salgado, reunia trajes típicos da Dinamarca, Suécia, Alemanha, Holanda, Noruega, Nova Zelândia, Inglaterra, Escócia e Estados Unidos.**
***À direita*: Em 1990, a irmã Tatiana Turutina, primeira presidente da Sociedade de Socorro do ramo de Vyborg, na antiga União Soviética.**

FOTOGRAFIA DE ANN LAEMMLEN LEWIS

FOTOGRAFIA DE DOUG MARTIN

***No alto*: Membros do ramo de Eket, Akwa Ibom, Nigéria. Quando esta fotografia foi tirada, em 1985, os trinta membros do ramo se reuniam em uma casa alugada. As reuniões eram realizadas na língua efik.**
***Embaixo*: Uma cena universal na Igreja: o pai e outros portadores do sacerdócio abençoam uma criança. □**

BUSCAR O SENHOR DIARIAMENTE

ILUSTRADO POR LORI ANDERSON WING

Como filhas de um Pai Celestial amoroso, somos abençoadas com seu amor. Por que, então, não sentimos sempre sua dedicada orientação? Quando aprendemos a confiar no Senhor em todas as coisas, a fé torna-se um poder real que nos sustém, e com o qual podemos contar em todas as circunstâncias. Dessa forma, sentimos melhor a mão orientadora do Senhor na vida diária.

No livro de Alma, Amuleque lembra-nos de que o Pai Celestial está profundamente interessado em todos os aspectos de nossa vida, mas que o poder orientador só se manifesta plenamente se o procurarmos. Amuleque ensina: "Que comeceis a exercer a vossa fé para o arrependimento, e que comeceis a chamar pelo seu santo nome . . .

Humilhai-vos e continuai a dirigir-lhe vossas preces.

Clamai a ele quando estais em vossos campos, sim, sobre todos os vossos rebanhos.

Clamai a ele em vossas casas e rogai pelos vossos, tanto de manhã como ao meio-dia e à tarde.

Rogai-lhe que vos proteja contra o poder de vossos inimigos . . .

Rogai-lhe que favoreça as colheitas de vossos campos, para poderdes prosperar.

Rogai-lhe que proteja os vossos rebanhos, para que aumentem.

(Descerrai) vossas almas a Deus, em vossas alcovas, em vossos lugares secretos e em vossos campos" (Alma 34:17, 19–22, 24–26).

Em que locais e em quais situações podemos precisar mais seriamente da ajuda do Senhor?

"MOSTRA-ME O CAMINHO"

Há anos, uma jovem SUD perdeu-se num deserto acidentado, fora dos limites da fazenda de sua família. Assustada e desnorteada, deu-se conta de que precisava imediatamente de ajuda; fechou, então, os olhos e orou fervorosamente: "Pai, mostra-me o caminho de casa".

Mal acabara de pronunciar as palavras, sentiu como se uma mão lhe pousasse no ombro, dirigindo-a. Devido a essa sensação, começou a subir uma ravina próxima. Esta forte impressão acompanhou-a durante todo o caminho de volta e não a abandonou até girar a maçaneta da porta de sua casa.

A experiência ajudou a estabelecer o alicerce da fé que a susteve durante toda a vida. "Gostaria que todas as pessoas, especialmente aquelas que estão perdidas espiritualmente, tivessem tal conhecimento do amor de nosso Pai", disse ela.

Que evidências pessoais temos de que o Pai Celestial ouve nossas orações e guia-nos na vida diária, mesmo de maneira quase imperceptível?

ABRIR A PORTA PARA O SENHOR

"Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa" (Apocalipse 3:20). Numa pintura muito conhecida da porta descrita nessa escritura, a maçaneta aparece somente do nosso lado. Embora o Senhor esteja pronto para entrar, ele não nos força a fazer-lhe tal convite.

Quando nos voltamos a Deus em oração, estamos na realidade abrindo a porta, preparando-nos para receber o poder da fé em nossa vida. "Lembra-te de que sem fé nada podes fazer; portanto, pede com fé" (D&C 8:10).

O Senhor nos observa nas atividades diárias e está pronto a nos atender. Da mesma forma como ajudou a jovem que se encontrava perdida e assustada no deserto, ele nos mostrará o caminho de casa ao nos humilharmos e o procurarmos em oração.

De que forma a atitude de convidar o Senhor para entrar em nossa vida nos dá força para seguir seus ensinamentos? □

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

Sob um sorriso, podem estar ocultos o medo e a culpa — o terrível fardo dos que sofrem abuso sexual. Quer isto se refira a nós ou a alguém que conheçamos, a esperança, a paz e a cura estão ao alcance das mãos.

AGONIA OCULTA

Lisa A. Johnson

Ao conhecer Andréia*, não podemos deixar de gostar dela. É uma pessoa calorosa, amigável e divertida, e sabe como fazer com que uma pessoa se sinta bem consigo mesma.

Ela, porém, nem sempre foi assim.

Por muito tempo, carregou consigo um segredo terrível e trágico que não conseguia contar a ninguém. Chorava muito e estava constantemente deprimida. Afastava-se do convívio das pessoas, não possuía amigos nem tinha autoconfiança para se sair bem na escola ou em qualquer outra coisa. Andréia fora vítima de abuso sexual na infância.

"Julgava ter cometido um pecado terrível", disse ela. "Achava que era revoltante demais para ser contado. Sentia-me repugnante e completamente sem valor, até que um bispo muito compreensivo me explicou que não era minha culpa, que o Senhor ainda me amava e que eu poderia obter ajuda."

A ajuda que Andréia recebeu, que incluiu aconselhamento profissional e espiritual, permitiu-lhe deixar as experiências traumáticas no passado e tornar-se outra vez emocional e espiritualmente sã.

NÃO SE ESTÁ SÓ

Infelizmente, a situação de Andréia não é incomum. Um número alarmante de casos de abuso sexual chega ao nosso conhecimento todos os dias, envolvendo tanto moças quanto rapazes. Os abusos não se limitam a um só tipo de pessoa nem a uma classe social. Eles acontecem a pessoas de toda raça, religião, ocupação, nível de renda e de educação.

Há ocorrência de abusos sexuais nas famílias SUD? A trágica verdade é a de que são constatados casos na Igreja. Os líderes na sede da Igreja têm recebido muitas cartas de membros que passaram por isso.

Em que consiste exatamente o abuso sexual? Por definição, ele envolve "qualquer atividade sexualmente estimulante entre uma criança e um adulto ou outra criança, que esteja em uma posição de domínio, confiança ou controle" *Child Abuse: Helps for Ecclesiastical Leaders* [folheto da Igreja], 1985, página 2).

"Talvez [o abuso sexual de crianças] sempre existisse em nosso meio", diz o Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, "mas sem despertar a atenção que atualmente recebe. Estou contente que o clamor público esteja aumentando contra esse terrível mal que, infelizmente, existe demais em nosso meio também. Pais, não podeis maltratar vossos pequeninos sem ofender a Deus. Qualquer homem envolvido em relações incestuosas é indigno de portar o sacerdócio, indigno de ser membro da Igreja, devendo ser tratado de acordo. Qualquer homem que espanque ou maltrate os filhos de outra maneira, terá de prestar contas ao grande juiz de todos nós." (*A Liahona*, julho de 1985, p. 60.)

Cartas recebidas de alguns membros da Igreja relatam quão devastador é o abuso sexual. Lindy*, de quinze anos, escreve: "Quando os pais das crianças de quem eu cuidava chegaram em casa, eu ia pedir à mãe delas que me levasse para casa de carro, mas o pai

* Os nomes verdadeiros não foram usados.

insistiu em fazê-lo. Soube naquele momento que estaria em dificuldades. Durante o caminho ele tentou molestar-me. Não importava o que eu fizesse para tentar impedi-lo, ele não parava".

Tiffany*, de dezesseis anos, tem outra história: "Lembro-me de uma vez, quando tinha cerca de cinco anos", escreve ela. "Fui passar a noite em casa de meu avô com meus irmãos e irmãs mais velhos . . . Disse a vovô que meu estômago doía, e ele me disse que apanhasse o travesseiro e fosse sentar em seu colo. Foi quando tudo começou".

Há ainda David*, de vinte e cinco anos, que sente ser importante ressaltar que os meninos são vítimas também. "Tive problemas com abuso sexual", disse ele. "Minha babá abusou de mim sexualmente quando eu era pequeno. Não sabia o que ela estava fazendo. Compreendi o que acontecera anos mais tarde e senti-me terrivelmente mal comigo mesmo".

Sentir-se "terrivelmente" mal consigo mesmo é algo que aflige a maioria dos que sofreram abusos sexuais. Lidar com tal sentimento é uma das partes mais importantes da recuperação.

"NÃO PECOU"

A Primeira Presidência aprovou a seguinte declaração de normas a respeito do assunto: "Vítimas de estupro ou de abuso sexual freqüentemente sofrem traumas sérios e passam por sentimentos de culpa desnecessários. Os oficiais da Igreja devem lidar com tais casos com sensibilidade e preocupação, reassegurando a essas vítimas que elas, como vítimas de ações malignas por parte de outras pessoas, não pecaram, ajudando-as a superarem os sentimentos de culpa e a recobrar a auto-estima e confiança nos relacionamentos pessoais.

Naturalmente, uma pessoa madura, que voluntariamente consinta em ter relações sexuais, deve dividir a responsabilidade pelo que aconteceu, mesmo que o outro participante tenha sido o agressor. Pessoas que conscientemente incentivem avanços sexuais também têm uma parcela de responsabilidade pelo comportamento que disso advier, mas as pessoas que sejam realmente forçadas a manterem relações sexuais são vítimas e isentas de culpa de qualquer pecado sexual . . .

As vítimas de abuso sexual, quando ainda pequenas, são igualmente inocentes de qualquer pecado, sendo jovens demais para avaliarem a importância do comportamento sexual. Mesmo nos casos em que as ações cometidas contaram com o aparente consentimento de uma pessoa de pouca idade, esse consentimento pode ser ignorado ou não qualificado para propósitos de responsabilidade moral, quando o agressor tiver ocupado uma posição de autoridade ou poder sobre a vítima" (carta às Autoridades Gerais, Representantes Regionais, e outros líderes do sacerdócio, 7 de fevereiro de 1985).

OBTENDO AJUDA

As vítimas de abuso sexual necessitam saber que o ocorrido não é culpa delas e, ainda, que também necessitam desesperadamente de ajuda. Precisam contar imediatamente a alguém — um parente, conselheiro, professor, bispo — alguém de quem se sintam próximos e em quem confiem. Ninguém deve tolerar o abuso.

Há todos os tipos de razões que tornam difícil à vítima denunciar o ocorrido. Muitas vezes o agressor ameaça a vítima ou sua família, para que permaneçam em silêncio. Tais ameaças são um sinal de que algo está errado, e isso deve ser denunciado a alguém — depressa. Os agressores sabem que estão agindo erradamente e não querem que ninguém os descubra, mas as vítimas podem obter apoio e proteção das ameaças recebidas, se fizerem a denúncia.

Há outras razões pelas quais muitas vítimas hesitam em falar a respeito do ocorrido. Não raro, temem que a denúncia do crime separe ou destrua a família. Isso nem sempre é verdade. Se o problema for extremo, os órgãos governamentais competentes podem remover o agressor de sua casa, e não a vítima. Há, ainda, serviços profissionais de aconselhamento e acompanhamento que podem ajudar os membros da família a solucionarem seus problemas pessoais e familiares. Seu objetivo é o de fortalecer a família, e não destruí-la. A vítima pode dirigir-se ao bispo, à psicóloga ou orientadora da escola onde estuda, a algum adulto em quem confie ou ao serviço de assistência social da prefeitura de sua cidade, a fim de encontrar os profissionais especializados em aconselhamento para este tipo de caso. As questões financeiras não devem ser um empecilho à obtenção de ajuda. No caso das prefeituras, esses serviços podem ser obtidos gratuitamente.

As vítimas com freqüência temem que a denúncia do crime destrua a reputação da família dentro da

Igreja, mas atitudes devem ser tomadas contra os agressores, tanto para ajudá-los a se arrependerem como para impedir o prosseguimento das violências. "Os propósitos da ação disciplinar da Igreja são: [1] salvar as almas dos transgressores; [2] proteger os inocentes; e [3] salvaguardar a . . . integridade . . . da Igreja" (*Manual Geral de Instruções*, março de 1989, p.10–1).

Pode ser especialmente difícil às vítimas do sexo masculino denunciarem os abusos dos quais foram vítimas. A sociedade sempre diz ao homem que ele deve ter o controle das coisas e ser capaz de se proteger em qualquer situação. Ao admitir que se tornou uma vítima, a pessoa teme que isto ocasione um reflexo negativo em sua masculinidade.

Outras razões também impedem as vítimas de fazerem denúncias. É difícil admitir que alguém chegado esteja cometendo um crime hediondo. Ao invés disso, muitas vítimas culpam a si mesmas, dizendo que receberam o que mereceram, e não denunciam. Podem ainda sentir que, uma vez feita a denúncia, outros irão considerá-las sujas e indignas de receber amor. Algumas vítimas nem sequer chegam a perceber o crime, porque o agressor as levou a acreditarem que este tipo de relacionamento é normal e natural.

A despeito de todas as dificuldades para se denunciar o abuso sexual, é essencial que a denúncia ocorra. É primordial que todos os envolvidos recebam ajuda. Os resultados do abuso sexual podem aparecer de formas ofensivas se os envolvidos não receberem ajuda para lidar com o problema. O abuso sexual nem sempre é, mas pode ser, a causa da delinqüência, depressão, promiscuidade sexual, isolamento social, relacionamento difícil com pessoas de mesma idade, desconfiança, dificuldades no relacionamento conjugal futuro; e pode ainda contribuir para o abuso dos próprios filhos da vítima, se os problemas não forem tratados e solucionados.

"Por nove meses de minha vida estive envolvida em um grupo comunitário, cujo líder molestava sexualmente as adolescentes", diz Sharon. "Fui uma das vítimas. Os detalhes do que ele fez constam de um inquérito policial. Por meio de aconselhamento profissional, aprendi que não preciso mantê-los em minha mente."

PROSSEGUINDO

Uma vez que as vítimas reconheçam que sofreram uma violência, necessitam passar pelo processo de ajustamento à crise. Muitas pessoas param em um desses estágios, e isso pode refletir-se em seus relacionamentos interpessoais. As vítimas freqüentemente necessitam de ajuda para prosseguirem com sua vida, superando os efeitos dos abusos sofridos.

Choque é o primeiro desses estágios. É um entorpecimento, porque o ocorrido é terrível demais para ser compreendido ou aceito.

Segue-se a fase da negação. A vítima pensa: "Eu não acredito nisso. Isto não poderia ter acontecido comigo. Não a mim. Não à minha família".

Raiva, fúria e ressentimento vêm a seguir. "O que eu fiz?" pensa a vítima. "Por que esta coisa horrível aconteceu comigo? Como alguém pode ser tão cruel?".

Depois é a vez da promessa e da barganha. "Se isto nunca mais ocorrer, e se nunca mais se falar no assunto, todos podemos esquecer que isso já aconteceu", ou "Se eu for especialmente bom e digno, serei abençoado de forma que isso nunca mais venha a acontecer, e eu me esqueça de tudo".

Quando a negação não mais é efetiva, a depressão assume o controle das coisas. "Nunca mais serei puro e casto", pensa a vítima, erroneamente. "Sou indigno, e tudo isso é irreparável".

Se a vítima obtiver ajuda, pode seguir-se a fase da aceitação. "Isso dói terrivelmente", pensa ela, "mas a vida pode prosseguir e não tenho que me sentir permanentemente degradada por causa do acontecido."

A assimilação é o passo final. O abuso sofrido é colocado na devida perspectiva, e o sentimento de autoconfiança e auto-estima é restaurado. O acontecido torna-se parte do passado e deixa de ser o ponto central da vida da vítima.

Passar por esses estágios ajudou Andréia a recomeçar a levar uma vida mais feliz e mais compensadora. Outros que, como ela, foram vítimas de abuso sexual, também podem começar a recuperar-se. É importante que compreendam que têm o direito de não serem vitimizados e o direito de obter ajuda, caso isso venha a acontecer. Precisam saber que não são culpados, que não são impuros nem menos castos. E, acima de tudo, precisam saber que o Pai Celestial ainda os ama, tem grandes esperanças em relação a eles, e providenciou maneiras de se recuperarem. □

Em Solo Sagrado

Gregory Encina Billikopf

Em pé, ali, em meio aos jardins do Templo de Santiago Chile, lembrei-me de quando freqüentava a escola católica, ainda menino, que ficava naquele terreno onde agora se erguia o templo. Na primavera de 1970, o padre de nossa paróquia anunciara que venderia nossa escola aos mórmons. "Os chilenos acham que a Igreja Católica é a única religião", disse ele.

"Naturalmente", pensei eu. "Que outra religião haveria?"

O padre continuou: "Quero que todos façam um relatório a respeito de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias".

Uma vez que o escritório da missão SUD ficava a apenas dois quarteirões de minha casa, dirigi-me para lá, em busca de informações para o relatório. Quando voltei para casa, examinei os bonitos folhetos a respeito da Igreja e o Livro de Mórmon. O exemplar do livro que recebi continha a promessa especial de Morôni, logo na primeira página:

"E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo.

E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de todas as coisas." (Morôni 10: 4,5.)

Ao ler aquela promessa, recebi um testemunho espiritual de que aquelas palavras eram verdadeiras e de que o Livro de Mórmon era verdadeiro. Eu, porém, tinha quinze anos e não estava pronto para ser "religioso". Assim, decidi não fazer nada específico a respeito de meus sentimentos. Meu interesse fora despertado, e tirei a melhor nota da classe com o meu relatório a respeito dos mórmons.

Depois de outra aula sobre religião, comecei a meditar na natureza da Trindade. Por meio de inspiração, compreendi que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas distintas, mas unas em propósito. Este novo e precioso conhecimento viria mais tarde ajudar-me a reconhecer a verdadeira Igreja de Deus.

Isto ocorreu anos mais tarde, após minha família mudar-se para os Estados Unidos, quando estudava na Universidade da Califórnia. Randy, um amigo que morava no mesmo andar que eu no dormitório dos estudantes, deu-me um exemplar do Livro de Mórmon. O livro ficou em meu quarto, fechado, por muito tempo. Randy e eu discordávamos em relação a muitas coisas, mas toda vez que ele falava a respeito da Igreja, sentia o Espírito me testificar que o que ele dizia era verdadeiro.

Decidi ir de avião para casa, no Natal, e enchi uma mochila com livros que leria durante o vôo.

Ao fazer as malas, vi o Livro de Mórmon e coloquei-o por último na sacola, dizendo a mim mesmo que o leria após ter lido todos os outros. No avião, porém, o livro colocado por último foi o primeiro a ser retirado, e subitamente senti uma grande necessidade de lê-lo. Levei quatro dias e noites para terminar o livro. Ao ler e orar, soube que era verdadeiro. Mal podia crer no que estava descobrindo!

Quando retornei à faculdade, na Califórnia, imediatamente contei a Randy que acreditava no Livro de Mórmon e disse que desejava ser batizado. Ele ficou muito feliz. Chamamos os élderes e fui batizado pouco tempo depois.

Como poderia saber, ainda naquela aula de religião, quando jovem, que um dia, naquele mesmo local onde outrora se erguera a minha escola, eu entraria na casa do Senhor — o Templo de Santiago Chile? □

ILHAS DE FÉ

FIJI

"Celestial" — essa é uma maneira de descrever a beleza de Fiji. O evangelho, porém, acrescenta beleza espiritual aos membros, que tornam a vida neste paraíso ainda melhor.

Shirleen Meek Saunders

"Deus criou Fiji em um dos seus dias mais felizes", diz o Élder Glen L. Rudd, ex-Presidente da Área do Pacífico Sul da Igreja. E, quando se vai de carro de uma ponta à outra de Viti Levu, a maior ilha do país, só se pode concordar. Picos vulcânicos se sobressaem em meio a florestas tropicais e bem cuidadas plantações de cana-de-açúcar; palmeiras e praias de areia fina dão lugar a baías de águas reluzentes de um azul profundo. Frutas e flores crescem espontaneamente de folhagens em uma paleta de diversos matizes de verde.

Entretanto, a vida neste paraíso nem sempre é idílica. Por trás da beleza natural de Fiji há uma nação em desenvolvimento, e o povo daqui luta com os desafios econômicos, políticos e sociais, bem como com os problemas que disso decorrem, mas, para alguns cidadãos fijianos, o evangelho de Jesus

Akanisi Rosi e o bebê Tupoutua Baravilala, na conferência da Estaca Suva Fiji. Aproximadamente 7.000 santos dos últimos dias vivem nesta nação salpicada de ilhas.

Cristo tornou-se uma importante fonte de força. Abraçar seus ensinamentos e princípios os ajuda a suportar as provações, dá-lhes paz e esperança em dias melhores.

Fiji é formada de mais de trezentas ilhas, que se localizam aproximadamente 1.776 km ao norte de Auckland, Nova Zelândia. Embora cem delas não sejam habitadas, a maioria da população do país está concentrada em apenas treze ilhas.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias chegou a Fiji em 1924, quando Mele Vea Ashley, um membro da Igreja, emigrou para lá, vinda de Tonga, juntamente com os filhos. Alguns outros membros vieram de Samoa, mas somente em 5 de setembro de 1954 um ramo composto por quatorze santos dos últimos dias foi oficialmente organizado, reunindo-se em um edifício público alugado em Suva, a capital. Nos trinta e nove anos seguintes àquele início humilde, a Igreja cresceu e conta com cerca de 6.600 membros, uma estaca com seis alas (organizada em 1983), e dois distritos com quinze ramos.

REUNINDO-SE

Muitos líderes da Igreja aqui dizem que os problemas de transporte e comunicação são alguns dos maiores desafios que os membros da Igreja enfrentam — especialmente aqueles que vivem em áreas rurais fora de Suva e no lado ocidental de Viti Levu. A remuneração salarial em Fiji é muito baixa; portanto, apenas umas poucas pessoas têm condições de comprar carro. A maioria tem no transporte coletivo o seu principal meio de locomoção.

Em fins de 1987, após um golpe de estado realizado sem derramamento de sangue, o novo governo das ilhas declarou ilegal o funcionamento dos transportes coletivos aos domingos. Isto não representou um problema para as pessoas que pertenciam à religião cristã dominante no país, pois havia uma igreja dela em cada vila e vilarejo. Muitos santos dos últimos dias vivem, porém, longe de seus ramos ou alas.

Vilisi e Fai Ucunibaravi e seus seis filhos decidiram que andariam os doze quilômetros que separavam sua casa da capela de Nausori, todos os domingos. "Algumas pessoas riam-se de nós, e não paravam para nos oferecer carona", diz a irmã Ucunibaravi, mas não tinha importância. Nosso coração já estava na Igreja antes de sairmos de casa".

Hoje, três anos depois, o governo tornou a lei menos restrita, de modo que os ônibus passaram a operar aos domingos durante parte do ano. Sem acesso a outros tipos de transporte, alguns membros podem agora apanhar o ônibus para irem à Igreja, mas, devido aos horários dos ônibus, muitos freqüentemente chegam tarde às reuniões, ou se vêem forçados a sair antes que elas se encerrem.

Algumas alas e ramos alugaram caminhões de particulares para apanharem os membros em suas casas e levarem-nos à Igreja. O Bispo Timoci Ratu, da Ala Nadi, porém, descobriu que essa não era uma solução perfeita. "Estouramos o orçamento da ala apenas com os gastos de transporte", diz ele. "Assim, incentivei as pessoas a virem por sua própria fé. Em um primeiro momento, a freqüência diminuiu, mas agora já recuperou os mesmos níveis de antes".

O problema de transporte também afeta as visitas de mestres familiares e de professoras visitantes e, como muito poucas pessoas possuem telefone em casa, tudo fica ainda mais difícil. O Presidente Inosi Naga, da

Extrema esquerda: **Brijma Wati Charan, membro do Ramo Sigatoka, é um dos muitos missionários nativos que espalharam a mensagem do evangelho em sua terra natal.** ***Centro:*** **Entre as belas flores de Fiji estão as açucenas e as orquídeas.** ***Esquerda:*** **O Bispo Timoci Ratu com a esposa, Letlia, e a filha mais nova, Akesa. "Uma das coisas que sabemos fazer melhor é proclamar o evangelho", diz o Bispo Ratu. "Não nos envergonhamos de sermos membros da Igreja".**

Estaca Suva Fiji, diz: "É difícil sair de casa para fazer essas visitas, mas tentamos sinceramente, e acho que estamos obtendo alguns bons resultados".

A Irmã Raj Kumari, presidente da Sociedade de Socorro do Ramo Tavua, pede às professoras visitantes que enviem pelo correio uma mensagem datilografada às irmãs que moram fora da cidade. Os líderes de quorum do sacerdócio do ramo designam grupos de homens para que viajem até uma vila específica, a fim de visitarem todos os membros de uma só feita.

No Ramo Sigatoka, a presidente da Sociedade de Socorro, Siteri Varo, apanha um ônibus para as vilas nas montanhas todo mês, a fim de visitar as irmãs que moram mais longe. Ela sai de casa às 8 da manhã e retorna ao meio-dia. "Não é tempo suficiente para se fazer todo o necessário", diz ela, "mas não tenho escolha. O último ônibus do dia passa nesse horário".

Ainda que os membros em Suva morem próximos uns dos outros, a irmã Grace Taito, presidente da Sociedade de Socorro da Estaca Suva, tem problemas semelhantes no que diz respeito à comunicação, mas, por ser a diretora da escola de primeiro grau mantida pela Igreja, ela pode enviar mensagens aos bispos e presidentes da Sociedade de Socorro das alas por meio dos filhos deles — ou dos filhos de seus vizinhos — que estudam na escola.

FIJIANOS E INDIANOS

Em 1878, o governo britânico de Fiji levou para as ilhas trabalhadores indianos para as plantações de cana-de-açúcar. Após cinco anos, os indianos poderiam retornar ao seu país às próprias custas; se ficassem por mais cinco anos, o governo pagaria sua passagem de volta, ou lhes permitiria permanecerem em Fiji. Muitos desses trabalhadores preferiam a vida nas ilhas ao sistema indiano de castas. Assim, ficaram. Hoje, aproximadamente metade da população de Fiji descende desses trabalhadores contratados.

Os indianos fijianos mantiveram muitos aspectos de sua cultura nativa, que pouco tem em comum com a cultura nativa dos fijianos. Os dois grupos possuem crenças, costumes e estilos de vida diferentes. Devido a isso, os dois povos mantêm-se separados em sua grande maioria. Integrar os dois grupos na Igreja tem sido quase sempre um teste do amor que as pessoas sentem pelo próximo. Problemas políticos recentes complicaram ainda mais a situação. Em outubro de 1987, os militares fijianos substituíram o então recém-eleito primeiro-ministro, que era membro de um partido político ao qual pertencia a maioria dos indianos. Desde aí, as tensões entre os dois grupos se intensificaram.

Como os membros da Igreja têm reagido a essa delicada situação? "Acho que qualquer pessoa que nos observe diria que nos saímos muito bem no que diz respeito à união", diz o Presidente Naga, da Estaca Suva. "Durante o golpe de estado, admoestamos os membros a não misturarem política com religião. Continuamos a dizer a nosso povo que, uma vez que nos filiamos à Igreja, não há estranhos nem estrangeiros. E acho que eles realmente acreditam nisso, embora alguns deles tenham pessoalmente demonstrado preocupação com o que aconteceu em nosso país".

O Bispo Ratu diz que felizmente a tensão não é muito sentida na Igreja, mesmo pelos membros novos. "Suponho que isso se deva ao que o evangelho nos ensina sobre não haver diferença entre os seres humanos, mesmo no que diz respeito a classe social, raça, credo, ou cor da pele", diz ele. "Quando nos reunimos, se há temores por parte dos indianos em relação aos fijianos, tentamos acalmá-los".

Além do conselho às pessoas para que se unam, os líderes da Igreja fornecem aos membros experiências

Esquerda superior: **Com nove anos de idade quando esta foto foi tirada, Moushmi Singh havia sido batizado um mês antes, no Ramo Raki Raki.** ***Direita superior:*** **Ilisoni Tilley, um agricultor contratado, serviu como bispo da Ala Lami, próxima à cidade de Suva, a capital.** ***Abaixo:*** **Raj Kumari com suas filhas Amol Rashika, à esquerda, e Pramol Rashika, membros do Ramo Tavua.**

práticas. Membros de ambos os grupos trabalham lado a lado no sumo conselho, nas auxiliares das alas e estacas, nos bispados e quoruns do sacerdócio, e como missionários de tempo integral. Isto cria respeito mútuo. "Eu a amo", diz a irmã Varo, uma fijiana, sobre sua primeira conselheira indiana, Brijma Wati. "Ela me ajuda tanto — e não apenas no que se refere às responsabilidades da Sociedade de Socorro, mas também tomando conta de meu filho enquanto presido as reuniões".

Os líderes também se certificam de que todos os membros sejam ensinados, na Igreja, em sua própria língua. Embora a língua oficial de Fiji seja o inglês, muitos membros de mais idade, e os que moram em áreas mais distantes e menos populosas, falam apenas a língua nativa. Assim, os bispados e presidências de ramo não raro programam três oradores para a reunião sacramental: um fala industão, o outro fijiano, e o último inglês. Os professores dos quoruns do sacerdócio e as professoras da Sociedade de Socorro freqüentemente utilizam tradutores, para que todos possam participar das aulas. Nas atividades das alas e ramos, sempre há um bom número de pratos fijianos e indianos.

Mesmo com todos esses esforços, às vezes há uma tensão oculta, sutil, entre os grupos, mas os santos indianos e fijianos informam que, na Igreja, sentem-se à vontade e iguais entre si, mais do que em qualquer outro lugar em sua sociedade.

COSTUMES E CULTURAS

Para os fijianos, o costume tribal é uma das mais importantes partes de sua vida. As vilas e vilarejos estão espalhados por todo o país, e cada um deles possui um chefe que determina a lei do lugar. Na verdade, antes de os missionários serem enviados a uma nova área, os líderes da Igreja precisam participar de cerimônias tradicionais, a fim de obterem a permissão do chefe.

Nas vilas, as pessoas vivem uma espécie de ordem unida. Dão tudo o que possuem ao chefe e, em troca, ele lhes dá alimento, vestuário e um lugar para morar. Mesmo quando uma pessoa se muda da vila, sua família tem direito a tudo o que lhe pertence. O Bispo Ratu diz: "Recentemente, minha família contou-me que os filhos de uma parente — que nasceram fora dos laços do matrimônio e não têm pai — precisavam pagar os estudos. Dei-lhes o dinheiro. É esperado de nós que atendamos às necessidades de todos os nossos parentes".

A tradição fijiana não permite que as pessoas iniciem uma conversação com pessoas mais velhas, e pessoas comuns do povo não podem aproximar-se de pessoas importantes das tribos sem que sejam convidadas a fazê-lo. Pode ainda haver restrições entre pessoas de vilas diferentes. "Isto às vezes é um problema", diz Alex Lobendahn, sumo conselheiro na Estaca Suva, "pois se há restrições, os membros de uma família de uma vila não podem realizar visitas de mestres familiares a uma família de outra vila.

Gostaria de poder quebrar essas barreiras e ir até as pessoas em nome de Deus, em vez de ir procurá-las em nome da cultura", continua ele. "As pessoas, porém, relutam; é compreensível que não desejem causar problemas".

O irmão e a irmã Ucunibaravi ignoraram as restrições culturais a fim de poderem casar-se. A irmã Ucunibaravi vem de uma família fijiana importante, e seu marido pertence ao povo. "Durante o nosso namoro", diz o irmão Ucunibaravi, "minha mulher teve de escolher a mim ou a sua classe social — mas ter o sacerdócio no seu lar era mais importante para ela".

Os cidadãos indianos de Fiji também possuem fortes tradições culturais. Muitos pais indianos não permitem que seus filhos namorem, e os casamentos arranjados são

***Direita:* O Bispo Subhash Dass com a esposa, Roselyn, e os filhos Amit (*à esquerda*) e Anand. "Ir ao templo me fez compreender o quanto o Senhor nos prometeu", diz a irmã Dass. "As coisas materiais perdem a importância diante disso." *Extrema direita:* As irmãs Christine Prasad, Valenshya Prasad e Ragni Lata descobriram que viver o evangelho as torna felizes.**

muito comuns. Quando uma mulher se casa, ela se torna membro da família do marido, e uma serva na casa de sua sogra. Enquanto viver lá, o sogro tem a palavra final no que diz respeito ao que ela pode ou não fazer. Isto pode impedir que uma jovem senhora se filie à Igreja, ainda que o seu marido, de quem o costume não requer que obtenha a permissão do pai, venha a ser batizado.

A maioria dos fijianos de ascendência indiana são hindus, ou seja, de religião brâmane, e alguns dos membros indianos da Igreja são excluídos do convívio dos familiares quando abandonam as crenças que suas famílias mantiveram por gerações. "Minha filosofia pessoal", diz o irmão Peter Lee, conselheiro na presidência da Missão Fiji Suva, "é a de que se as tradições culturais de uma pessoa não impedirem o seu progresso, então elas devem ser mantidas, mas se forem tradições que impeçam a obra do Senhor, então é necessário que se tome uma decisão a respeito do que deveríamos ou não fazer. Do contrário, jamais conseguiremos prosseguir".

CHEIOS DE AMOR E BONDADE

Um dos pontos fortes mais aparentes dos cidadãos de Fiji é o seu amor às pessoas. "É uma característica da ilha, eu acho", diz Alex Lobendahn. "As pessoas aqui dão tudo e não retêm nada para si mesmas.

Quando ensinamos nosso povo a respeito de amar ao próximo e de integração, isso não é nenhuma novidade para eles", diz Peter Lee. "É algo com que já estão acostumados".

Sua esposa, Sereana, concorda. "Já vivemos esses princípios. Por exemplo, se temos alimento de sobra, automaticamente o levamos para nossos vizinhos".

A irmã Fauoro Akata, presidente da Sociedade de Socorro da Ala Nadi, lembra-se de que uma das irmãs sempre freqüentava as reuniões com o marido e os filhos SUD, mas ela mesma nunca se filiara à Igreja. "Um dia", diz a irmã Akata, "perguntei-lhe por quê. Disse-me que era porque não possuía um vestido branco. Assim, compramos o tecido para ela. Fez um vestido e foi batizada pouco depois".

Em Nadi, os santos também trabalham para ajudar uns aos outros a chegarem ao Templo de Nuku'Alofa Tonga. A viagem a Tonga custa cerca de 450 dólares americanos — uma quantia enorme para algumas famílias conseguirem economizar. Assim, todos os anos, os membros trabalham juntos, a fim de levantarem o dinheiro necessário, e organizam jantares comunitários e espetáculos culturais. Então selecionam diversas pessoas ou famílias que estejam desempregadas, ou que não tenham condições de economizar, e enviam essas pessoas ao templo, na viagem anual de agosto.

O calor humano também faz com que os santos fijianos sejam bons membros missionários. Não é difícil encontrar membros de alas e ramos que já se conheciam antes de se filiarem à Igreja. Na semana seguinte ao batismo, Seminsi e Sereana Ratu, membros do Ramo Rakiraki, apresentaram os missionários a dois contatos. Até o momento, cinco dos amigos dos Ratus já foram batizados.

"Uma das razões pelas quais espalhamos o evangelho tão facilmente é que, com freqüência, misturamo-nos uns com os outros", diz o Bispo Subhash Dass da Ala Nasinu, de Suva. "Se paramos para cumprimentar as pessoas na rua, é comum que nossa conversa demore de cinco a dez minutos."

MISSIONÁRIOS NATIVOS

O desejo de levar o evangelho a seu próprio povo chega até o programa missionário de tempo integral. Dos 105 missionários e missionárias ora designados para Fiji,

38 são nascidos no país. Os missionários locais têm desempenhado um papel vital desde os primórdios da Igreja em Fiji. Quando os primeiros missionários americanos chegaram, em maio de 1954, os oficiais da imigração permitiram que apenas dois deles ficassem no país a cada vez. Assim, os missionários locais compuseram todo o restante da força missionária. A cota de missionários americanos foi gradualmente subindo para dezesseis, e eliminada após o golpe de estado de 1987.

A maioria dos fijianos, no entanto, serve em seu próprio país. (Uns poucos élderes de ascendência indiana estão hoje sendo designados para a Índia.) Uma das razões para tal é a língua. Por muitas pessoas não falarem inglês fluentemente, os missionários não fijianos algumas vezes acham difícil ensinar princípios espirituais abstratos. Os missionários nativos resolveram esse problema. "Quando ensinamos em nossa própria língua", diz o Élder Laisiasa Veikoso, "podemos dizer as coisas com mais clareza. Podemos explicar nossos sentimentos de maneira mais clara a nossos pesquisadores, o que os ajuda a sentirem o Espírito".

O Élder Nawal Sen diz que gosta de servir em Fiji porque deseja que seu povo receba o conhecimento que salva. De ascendência indiana, ele percebe que, por entender a cultura e a religião indianas, pode ajudar seu povo a resolver seus problemas, utilizando os princípios do evangelho.

"Há cerca de seis anos, tínhamos apenas doze missionários locais servindo", diz o Presidente Naga. "Agora temos trinta e oito. E teremos muitos mais. Os filhos da nossa primeira geração de membros já estão atingindo a idade para cumprir missão, e estão adquirindo uma compreensão dos princípios do evangelho por meio de seus estudos no seminário."

Igualmente importante, o programa missionário propicia treinamento precioso aos jovens fijianos. "Os ex-missionários são uma verdadeira força para nós", diz o Bispo Joseph Sokia, da Ala Tamavua. "Muitos deles permanecem ativos, e a missão fortalece-lhes o testemunho e prepara-os para as responsabilidades missionárias e de liderança por toda a vida".

O irmão e a irmã Ucunibaravi concordam que sua missão lhes trouxe uma maturidade espiritual que fez verdadeira diferença em sua vida e na de seus filhos. "Sentimo-nos privilegiados de havermos servido", dizem eles. "Há muitas famílias separadas aqui. Se não houvéssemos cumprido missão, provavelmente estaríamos na mesma situação". Sua missão também os ajudou a se envolverem seriamente com a atividade na Igreja. "A Igreja é o ponto central de nossa vida", diz o irmão Ucunibaravi. "Estaríamos completamente perdidos sem ela".

"Embora desejasse ardentemente servir no exterior", diz Alex Lobendhan, "sabia que necessitávamos de missionários aqui. Foi difícil, de certa forma, mas ajudou-me a compreender e amar as pessoas ainda mais. A missão deu-me a determinação para ajudar a Igreja a crescer aqui em Fiji."

Muitos ex-missionários não ficam em Fiji. Muitos vão para a Universidade Brigham Young — campus do Havaí, casam-se com membros da Igreja de outras ilhas, ou aceitam empregos em outros países onde há maiores oportunidades financeiras.

FÉ — E MILAGRES

Os membros da Igreja fijianos são humildes, possuidores de uma forte fé de que Deus tomará conta deles. Tal fé não é vã.

Esquerda superior: **Sanjanita Singh, de dezesseis anos, e a mãe, Devi Wanti Singh, que foi a primeira presidente da Sociedade de Socorro do Ramo Ba.**

Direita superior: **Jovesa Nausa, membro do Ramo Ba, coloca o arado nos bois para trabalharem em sua plantação de cana-de-açúcar. "Sigo o evangelho passo a passo", diz ele.**

"Creio que é isto que o Senhor gostaria que eu fizesse". ***Abaixo:*** **Vaione Soronavalu deixou o emprego em uma padaria para servir em tempo integral na Missão Fiji Nadi.**

Quando Sunita Kumari, uma irmã indiana de vinte e um anos, desejou filiar-se à Igreja, seu irmão mais velho tentou impedi-la, arranjando-lhe um casamento. Os membros do Ramo Rakiraki jejuaram e oraram juntamente com Sunita, e os planos para seu casamento não tiveram sucesso. Ela foi batizada.

Poucos meses mais tarde, os membros do ramo novamente jejuaram e oraram com Sunita, desta vez para que ela encontrasse um emprego. Estivera tentando empregar-se desde que terminara os estudos, havia quatro anos. Agora sentia ser especialmente importante que ganhasse seu sustento, "para que pudesse pagar o dízimo e ajudar os pobres". Uma semana mais tarde, Sunita conseguiu emprego como secretária de uma empresa recém-formada. Depois disso, ela cumpriu missão na Missão Fiji Suva.

Quando Mona e George Dunn decidiram plantar cana-de-açúcar em sua fazenda próxima a Lautoka, estavam em um ano de seca. Após seis semanas sem chuvas, os Dunn e o agricultor que haviam contratado para semear seus campos temiam que as mudas não sobrevivessem. O irmão e a irmã Dunn e seus filhos jejuaram e oraram. Ao voltarem para casa, após a reunião da Igreja no domingo seguinte, encontraram o agricultor. "Vocês foram muito abençoados", disse ele. "Choveu o suficiente para manter viva a plantação".

Um pouco depois, quando o seu reservatório de água já estava quase seco, os Dunn novamente oraram por chuva. Algumas noites depois, sentados na varanda, viram algumas nuvens. "Não seria maravilhoso se chovesse agora?" disse a irmã Dunn.

"Vai chover", respondeu-lhe o marido.

Choveu. A tempestade fez transbordar seu reservatório — mas nem chegou a molhar a estrada que levava à sua casa.

Subhash e Roselyn Dass e seus filhos, Amil e Anand, desejavam ir ao templo para serem selados, mas não tinham dinheiro suficiente. Quando o irmão Dass foi chamado como bispo, a família teve um forte sentimento de que necessitavam receber suas investiduras. Tinham dinheiro suficiente para apenas uma passagem aérea até Tonga; assim, a irmã Dass incentivou o marido a ir só. "Não", disse ele. "Precisamos ir todos juntos. O Senhor providenciará uma forma".

A família jejuou durante os dois domingos seguintes. Ao final da segunda semana, o empregador do irmão Dass ofereceu-lhe o dinheiro emprestado para as quatro passagens aéreas. "Ir ao templo foi a mais bela experiência que já tivemos", diz o Bispo Dass. "Sabemos agora que, se buscarmos o reino de Deus em primeiro lugar, o Senhor fará o resto".

NÃO HÁ MAIOR ALEGRIA

Em Vesaru, — zona agrícola, perto de Ba — Jovesa Nausa vive em uma fazenda de cana-de-açúcar de quatro hectares. Ele é élder no Ramo Ba e professor da classe de Doutrina do Evangelho. "Costumava colher muita cana em minha fazenda — de 250 a 270 toneladas", diz ele, "mas não era feliz. Agora eu pertenço à Igreja, e não mais me preocupo com dinheiro. Creio que Deus está conosco e ajuda-nos. Ainda que tenha colhido menos cana que no ano passado, estou feliz."

Os sentimentos do irmão Nausa são os mesmos de todos os santos de Fiji: "Nossa família nunca foi tão unida"; "Estamos muito contentes de ser membros da Igreja"; "O evangelho nos torna felizes".

A alegria é uma das maiores bênçãos que a Igreja trouxe aos santos em Fiji — uma alegria que pode durar eternamente. Viver no paraíso está-se tornando cada vez melhor. □

FOTOGRAFIA DE WINAI WATANAWONGWORAKULA E SURAKHAHA CHAIWONGKHON

Pornchai Juntratip

Espiritualmente Preparado

David Mitchell

Pornchai Juntratip entra na sala cuidadosamente e pressente a localização do visitante. Sorri, ajunta as palmas das mãos, inclina a cabeça e oferece a saudação tradicional tailandesa: "*Sawat dee Khrap*".

O irmão Juntratip é um homem magro, de aparência frágil, que foi descrito como "um homem em quem não há dolo, intocado pelas influências do mundo". Como tradutor da Igreja em sua cidade natal, Bangcoc, Tailândia, o irmão Juntratip já conseguiu realizar muitas coisas na vida, apesar de haver perdido a visão ainda na adolescência.

"Tinha cerca de oito ou nove anos de idade quando perdi a visão do olho direito, mas foi apenas quando utilizei binóculos que percebi que só podia ver com o olho esquerdo. Perdi o olho direito por volta dos quatorze anos. Agora posso apenas perceber a diferença entre claro e escuro."

Ao perder, porém, a habilidade de enxergar com os olhos, o irmão Juntratip desenvolveu a habilidade de enxergar pelo Espírito.

"Estava com pouco menos de trinta anos quando encontrei pela primeira vez os missionários santos dos últimos dias. Estavam andando de bicicleta perto de casa e viram-me. Pararam e apresentaram-se, perguntando se

Com o filho Pituporn nos braços, Pornchai Juntratip está próximo ao carro de "fast food", operado por sua esposa. Irmã Juntratip, à esquerda, vende guloseimas aos funcionários de companhias com escritórios próximos dali.

Utilizando um computador, o irmão Pornchai Juntratip traduz material de estudo para os alunos tailandeses do seminário e instituto. Ele ouve fitas cassete que lhe são enviadas da Cidade do Lago Salgado e então insere a tradução no computador. *Extrema direita, acima:* O irmão e a irmã Juntratip com o filho, Pituporn.

eu já ouvira falar da Igreja. Quando disse que não, falaram-me de Joseph Smith e da Primeira Visão.

Pelo que me disseram, senti que Joseph Smith era um bom homem que não havia feito nada de errado. Por sugestão deles, ajoelhei-me e orei ao Pai Celestial para saber se o que eles haviam dito era verdadeiro. Quando me levantei, aquele sentimento suave e caloroso percorreu-me o corpo."

Os élderes marcaram um outro dia para me visitar, e deram-me edições em braile do Livro de Mórmon e *Regras de Fé*, do Élder James E. Talmage — ambas em inglês.

Pornchai, porém, diz que foi preparado para este momento. Seu pai, um bancário, começou a ensinar-lhe inglês quando Pornchai tinha nove anos. Ao completar dez anos, começou a estudar com um tutor. Mais tarde, matriculou-se em um curso secundário por correspondência, para cegos, oferecido por uma escola americana, e recebeu seu diploma pouco antes de os missionários pararem para lhe falar.

"Quando penso naqueles anos, compreendo que tudo se encaixou perfeitamente", diz o irmão Juntratip. "Não apenas fora capaz de ler os livros que os missionários me deram, mas acho que fui preparado espiritualmente para receber a mensagem do evangelho.

Cresci observando os costumes de duas religiões. Como a maioria dos tailandeses, fui educado como budista. Meus pais, de ascendência chinesa, observavam as tradições religiosas daquele país, como o festival do Ano Novo, o festival dos ancestrais, e o festival da lua nova.

Havia lido a respeito de Jesus Cristo e, ainda pequeno — há muito tempo — assistira a filmes sobre o Senhor, como *Os Dez Mandamentos* e outros filmes da Bíblia, e acreditava em Deus. Disse a mim mesmo que deveria haver um Deus, porque se não houvesse nenhum, quem poderia ter criado o universo e todas as coisas boas e belas que ele contém? Tinha de haver um Ser onipotente."

O irmão Juntratip foi batizado em 6 de dezembro de 1976, aos vinte e oito anos.

Nessa época, seus pais já haviam falecido, mas houve oposição por parte de seus dois irmãos mais novos. "Eles eram engenheiros formados, e sua única religião era o materialismo. Não podiam compreender o que eu estava fazendo".

Três anos mais tarde, eles se opuseram à sua decisão de ir para a Universidade Brigham Young — campus do Havaí. "Meus irmãos tinham certeza de que eu não me sairia bem", lembra-se o irmão Juntratip, "e não desejavam passar pelo constrangimento de terem de me levar de volta para casa". A fim de impedir sua ida, os irmãos assumiram o controle de uma propriedade que a mãe lhe deixara. Planejara vendê-la para ter o dinheiro necessário para os estudos na Universidade, mas os irmãos disseram que manteriam a propriedade para que, caso ele não concluísse o curso, ela fosse vendida, a fim de custear sua passagem de volta para casa.

O irmão Juntratip, contudo, levou adiante os seus planos e matriculou-se na BYU-campus do Havaí. Escreveu a uma companhia aérea, solicitando que lhe permitissem pagar apenas a metade do valor da passagem. Eles responderam, enviando-lhe uma passagem totalmente gratuita.

Pornchai estudou literatura inglesa na Universidade, gravando em fita cassete as aulas e palestras, e ouvindo outras fitas gravadas a respeito dos assuntos que estudava. Sustentava-se transcrevendo fitas de histórias.

Formou-se em dezembro de 1983, e então matriculou-se na BYU de Provo, Utah, para obter o mestrado em literatura inglesa. "Por haver-me saído bem nos estudos no Havaí, meus irmãos me permitiram que eu usasse o dinheiro da venda da propriedade para custear minha viagem a Utah", diz o irmão Juntratip. "Tive de despender tanto tempo com os estudos, que não podia trabalhar para me sustentar; mas, felizmente, recebi uma bolsa de estudos. Concluí o mestrado em junho de 1986 e voltei para a Tailândia".

Durante sete meses após o retorno a seu país, o irmão Juntratip deu aulas em casa. Então foi convidado a trabalhar para a Igreja, como tradutor.

"Havia orado para encontrar um emprego que se adaptasse às minhas condições especiais, e o trabalho de tradução me proporciona isso. Traduzo os manuais do seminário e instituto para o tailandês."

No começo, o irmão Juntratip contratou alguém para ler o texto em inglês para ele. Então ditava a tradução em tailandês para um gravador, e as fitas eram posteriormente transcritas. Estas duas últimas fases do trabalho foram eliminadas quando ele aprendeu a usar uma máquina de escrever com caracteres tailandeses. Mais tarde, substituiu a máquina de escrever por um computador, o que facilitou as revisões e correções. Além disso, ele agora recebe uma versão gravada em fita do texto original em inglês.

O irmão Juntratip conheceu a esposa, Kwanjai, alguns anos após o retorno da BYU. Ela cumprira missão na Tailândia.

Os Juntratips foram selados no Templo Manila Filipinas em junho de 1990, pelo presidente do templo, Floyd Hogan, que fora o presidente de missão de Kwanjai. O filho deles, Pituporn, nasceu em agosto de 1991. "Seu nome significa *bênção patriarcal*", explica o irmão Juntratip. "Esperamos que ele cresça e seja um bom missionário, como a mãe".

"Lembro-me de que, quando os missionários me ensinaram as palestras, senti que a mensagem do evangelho era verdadeira, era boa", diz ele. "Ao tentar viver segundo o evangelho, descobri com toda a certeza que é verdadeiro e bom." □

A Felicidade do

Melvin L. Prueitt

Vosso Cônjuge

Em todo casamento, cada cônjuge tem o poder de destruir ou aumentar o amor. Há algum tempo, observei um belo e jovem casal por alguns minutos. Podia-se ver que eram casados, porque ela não teria falado com ele da maneira como o fez, se fossem apenas namorados. Censurava-o violentamente por algo trivial. Por meio de palavras e gestos, disse-lhe que ele não valia nada. Não me parecia ser assim. Na verdade, ambos pareciam inteligentes e bem sucedidos, mas ela fazia comentários negativos a respeito de tudo o que ele dizia ou fazia.

Senti o desejo de dizer àquela jovem: "O que está tentando conseguir?" Talvez achasse que, ao criticá-lo, ele compreenderia a verdade que permeava suas palavras e subitamente se transformaria no que ela desejava que fosse. O que, porém, ela estava fazendo, era criar uma pessoa que não poderia amá-la.

FOTOGRAFIA DE MATT REIER

Não importa quão forte ele seja, ou quão ardente seu amor pudesse ter sido durante o namoro, esse tipo de tratamento um dia enfraquecerá e destruirá o amor que ele lhe dedica.

Alguns jovens dizem: "Nosso amor é forte o suficiente para suportar umas poucas brigas". Sim, feridas são curadas, mas feridas deixam cicatrizes, e estas, por sua vez, não deixam muito espaço para o crescimento do amor.

Podemos ser condicionados ou treinados a reagir — emocional e fisicamente — à maneira pela qual os outros nos tratam. Se cada vez que abríssemos a porta do refrigerador levássemos um choque, e se isso continuasse a acontecer dia após dia, mês após mês, acabaríamos por odiar o refrigerador. Sentiríamos até mesmo repulsa à simples menção da palavra "refrigerador".

O mesmo acontece aos casais que um dia já foram apaixonados, e que se criticam mutuamente com palavras e ações. Como o amor pode continuar a suportar esse tipo de abuso por anos a fio? Creio que o amor é uma emoção que faz com que desejemos que a outra pessoa seja feliz. Quando fazemos comentários que ferem o cônjuge, estamos essencialmente dizendo: "Não me importo com os seus sentimentos. Eu não o amo".

Conheço duas pessoas que já

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

estão casadas há muitos anos. Ambos são formados em nível superior e são pessoas encantadoras, mas toda vez que ela faz um comentário em uma reunião social, ele arrasa os argumentos dela. O que isso faz à auto-estima dela? Será que ele acha que ela não tem sentimentos? O que isso diz a ela a respeito do amor que ele sente? Com o passar dos anos, o que isto pode ter feito ao amor dela por ele? Não há lugar para qualquer tipo de superioridade no casamento, nem mesmo por brincadeira.

Algumas vezes, quando temos um desentendimento com nosso cônjuge, tentamos pôr a culpa em alguém. Após havermos decidido de quem é a culpa, sentimos que o culpado merece alguma punição — e geralmente o castigo é infligido em forma de palavras ásperas e duras. Se exigirmos justiça no casamento, porém, podemos perder a bênção do amor.

Quando encontramos aquela pessoa especial, (que se torna nosso cônjuge) um belo sentimento desperta — um doce dom de Deus. Podemos tratar desse sentimento com ternura, como faríamos com uma flor, e ele crescerá em frescor e beleza através dos anos, ou podemos maltratá-lo, ridicularizá-lo e negligenciá-lo — e então ficaremos a imaginar por que esmoreceu e desapareceu. As flores são assim, e assim é o amor.

Se realmente amarmos nosso cônjuge, sua felicidade será tão importante para nós que não diremos nada que o humilhe. Na verdade, nossas expressões verbais estarão cheias de elogios, admiração e gentileza, e o amor crescerá.

A escolha é nossa. Podemos passar a vida brigando com nosso cônjuge, defendendo nossos direitos, protegendo o ego, apontando erros, tornando claro nosso descontentamento. No futuro, porém, se fizermos esta escolha, veremos que o amor do cônjuge estará grandemente empanado, e ele não mais sentirá alegria ao olhar-nos nos olhos nem sentirá o calor de nossa presença.

Podemos fazer uma escolha mais sábia. Podemos tentar modificar a nós mesmos, para que nossas palavras continuamente reflitam o verdadeiro amor. Assim procedendo, é mais provável que colhamos a recompensa de vermos continuamente o olhar de nosso cônjuge se iluminar toda vez que entramos na sala. A vida nos oferece a possibilidade de tornarmos nosso casamento uma união de amor eterno. Qual a nossa decisão? □

Construção do Templo de Nauvoo, de Gary E. Smith

Joseph Smith e Brigham Young conversam com o arquiteto do templo, William Weeks.

Após o martírio de Joseph Smith, os santos continuaram a ampliar Nauvoo, a despeito da possibilidade de serem forçados a abandonar a cidade. Os recursos eram escassos, e Brigham Young registrou em seu diário: "Eu indaguei ao Senhor se deveríamos ficar . . . e terminar o templo. A resposta foi que deveríamos". A estrutura foi dedicada em 1846.

Os nenúfares são algumas das muitas belas flores que ajudam a fazer de Fiji, nas ilhas do Pacífico, um "céu". O evangelho, porém, adiciona uma beleza espiritual aos membros, que fazem a vida neste paraíso ainda melhor. Vide "Fiji: Ilhas de Fé", página 32.

93982059